

## DO HIBRIDISMO AO INTERGÊNERO: UMA ANÁLISE DA FORMA E DO PROPÓSITO COMUNICATIVO

Atilio Augustinho Matozzo<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho concentra-se, basicamente, em três pontos específicos: primeiramente realizamos uma discussão em torno da conceituação dos gêneros textuais/discursivos, abordando a teoria bakhtiniana, bem como de outros autores, entre eles, Swales, Miller, Bazerman, Marcuschi, entre outros. Em seguida, fazemos uma reflexão referente ao propósito comunicativo e a forma dos gêneros, utilizamos como base Marcuschi (2005). E, em um terceiro momento, detivemo-nos na análise e na problematização/experimentação das igualdades e diferenças existentes entre os termos hibridismo e intergênero, numa definição e caracterização desses termos, com base nas teorias apontadas por Koch e Elias (2006) e Marcuschi (2002, 2006). Desenvolvemos, assim, alguns apontamentos que deixam claro que todos os gêneros são compostos/criados a partir de uma forma (estrutura) e de um propósito, bem como poderão manter relações com outros gêneros (hibridismo).

**PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros Textuais, Forma, Propósito Comunicativo.

### Introdução

Ao fazermos uso da linguagem em nosso dia-a-dia, conseqüentemente fazemos uso dos gêneros, pois nossos discursos se dão em forma de textos, centralizados e catalizados nos diversos gêneros que produzimos conscientemente, ou inconscientemente, é isso que nos permite a comunicação verbal, nesse sentido percebemos que os gêneros servem como mediadores e organizadores de nossas atividades sociais, eis a importância e a relevância de seu estudo de forma aprofundada e dialogizada.

O uso diário dos gêneros provoca várias mudanças tanto na estrutura como no propósito, estas mudanças dependem do uso que cada comunidade discursiva realiza com cada gênero. De forma interativa, propósito e forma entrecruzam-se, ajudando na identificação e caracterização de cada gênero, por esse motivo não podemos dicotomizar forma e propósito.

Ao discutirmos as relações que caracterizam um gênero, logo pensamos que todos poderão ser classificados igualmente, porém, essa classificação exata não é possível, pois os gêneros são inúmeros, não permitindo uma lista classificatória, pois o que irá, muitas

---

<sup>1</sup> Especialista em Língua Portuguesa e Literaturas pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória – Paraná (FAFIUV). Professor de Linguística do Colegiado de Letras da FAFIUV. Pesquisador do Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguística e Língua Portuguesa (GPELLP) da UFTM. Coordenador do Grupo de Pesquisa e Estudos em Gêneros Textuais e Ensino de Língua Materna e Estrangeira (GenTE) da FAFIUV.

vezes, constituir e caracterizar um gênero é a sua estrutura (forma) e a sua função (propósito comunicativo).

Pensando na intrínseca relação que há entre forma e propósito, dividimos nosso trabalho em três etapas interligadas entre si de forma reflexiva-interativa, primeiramente fazemos uma discussão em torno da noção sobre gêneros textuais/discursivos, partindo, primeiramente, de uma definição de gênero dada por Bazerman (2006) a qual caracteriza os gêneros como organizadores das atividades sociais. Em seqüência realizamos uma reflexão em torno da forma e do propósito comunicativo enquanto elementos caracterizadores dos gêneros, baseamo-nos em Marcuschi (2005) que realiza uma densa discussão referente a esses elementos. E em um terceiro momento, concentramos nossa discussão no surgimento do hibridismo, contrapondo-o, de forma crítica e reflexiva, ao termo “intergênero” cunhado a partir das teorias de Marcuschi (2002) e Koch e Elias (2006).

## **1 A noção de Gênero Textual/Discursivo**

Vivemos em um mundo altamente textual, diariamente entramos em contato com uma avalanche de textos que modelam/conduzem as nossas atividades sociais, esses textos se dão em forma de gêneros, como afirma Marcuschi (2006, p. 25): “todas as nossas manifestações verbais mediante a língua se dão como **textos** e não como elementos lingüísticos isolados. Esses textos são enunciados no plano das ações sociais situadas e históricas”, ou seja, são gêneros.

Para exemplificar esse nosso contato diário com os gêneros, vejamos uma passagem de ônibus, esta é um gênero, pois tem uma função e uma estrutura, ou seja, para que possamos viajar, necessitamos da passagem, a qual tem por função organizar a atividade (social) de embarque dos passageiros, somente poderá viajar quem tem a passagem, os passageiros sabem disso, porque conhecem o propósito deste gênero. Temos, desta forma, a percepção que os gêneros são entidades altamente sociais (já que são produzidos para e pela sociedade), organizando, assim, as atividades sociais realizadas através de textos (orais e escritos).

Bazerman (2006, p. 23) afirma que:

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São *frames* para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos.

Bazermam (2006) define o lugar dos gêneros na sociedade, afirmando que eles servem como modeladores das práticas comunicativas. Voltando ao nosso exemplo, destacamos uma reação importante, o passageiro não chamará a passagem de gênero (“quero um gênero para Brasília, por favor”), mas sim de passagem (“quero uma passagem para Brasília, por favor”), pois é este seu nome (classificação/caracterização). O mesmo acontece com a carta, o e-mail, a bula, o memorando, o ofício, entre tantos milhares de gêneros que circulam socialmente, ou seja, serão designados por seus nomes, a partir de uma forma e de um propósito próprio.

A circulação dos gêneros dá-se em comunidades discursivas, estas são variadas e múltiplas, pois um mesmo sujeito poderá participar de várias comunidades ao mesmo tempo, porém este precisa deter o conhecimento em torno dos inúmeros gêneros que ali circulam, para que possa realizar variadas ações retóricas e tipificadas, conforme a visão de Miller (1994).

Hemais e Biasi-Rodrigues (2005, p. 115) afirmam que:

A noção de comunidade discursiva é empregada em relação ao ensino de produção de texto como uma atividade social, realizada por comunidades que têm convenções específicas e para as quais o discurso faz parte de seu comportamento social. Dentro dessa visão o discurso mostra o conhecimento do grupo. As convenções discursivas facilitam a iniciação de novos membros na comunidade, ou seja, os novatos são estimulados a usar de forma apropriada as convenções discursivas reconhecidas pela comunidade.

Basicamente, como percebemos acima, a comunidade discursiva é o espaço onde um grupo de sujeitos, com interesses em comum, atuam enquanto agentes sociais, por exemplo, a diretoria de uma empresa é uma comunidade (apesar de ser uma esfera privada de circulação de gêneros), pois nela circulam gêneros como: memorandos, cartas, e-mails, editais, etc. Os membros desta comunidade devem conhecer e produzir os gêneros que ali circulam, neste momento entra em jogo um desafio para os membros mais novos (menos experientes), estes deverão entrar em contato com esses gêneros, geralmente sob a

supervisão dos membros mais experientes da comunidade, os quais manipularão os gêneros que ali circulam, como afirma Swales (1990).

Com tudo isso podemos pensar que os gêneros são categorias semi-prontas para o uso dentro das comunidades, isso seria um erro, pois os gêneros são produzidos de acordo com as necessidades específicas de cada comunidade. Sobre isso Marcuschi (2006) afirma que: “[...] pode-se dizer que os gêneros não pré-existem como formas prontas e acabadas, para um investimento em situações reais, mas são categorias operativas, instrumentos globais de ação social e cognitiva”.

Chegamos, assim, às primeiras conclusões sobre a caracterização/definição dos gêneros: (i) os gêneros são produtos sociais que organizam atividades/ações sociais; (ii) circulam socialmente em inúmeras comunidades discursivas; (iii) não são formas prontas e acabadas, mas são produzidas conforme as exigências da sociedade e da comunidade discursiva; (iv) todos os gêneros têm uma forma e um propósito comunicativo. Bazerman (2005, p. 31) completa nossas conclusões dizendo que: “gêneros são fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades socialmente organizáveis”.

## **2 Entre a forma e o propósito comunicativo: o (re)conhecimento do gênero**

Iniciamos, neste ponto, nossa reflexão sobre a forma e propósito a partir de uma conferência proferida no III SIGET (Simpósio Internacional de Estudos dos Gêneros Textuais) por Luiz Antônio Marcuschi, no ano de 2005, na Universidade Federal de Santa Maria - RS, na qual ele discute, de forma clara, sobre a importância do propósito e da forma, deixando em evidência a sua preferência pelo propósito.

Retornemos ao exemplo da passagem, quando alguém quer viajar compra uma passagem, encontra, então, uma forma pré-estabelecida pela empresa (seja ela qual for), o motorista somente deixará embarcar quem tem uma passagem com a forma (estrutura) que ele conhece, ou seja, o passageiro ao adquirir a passagem da empresa X, deverá embarcar na empresa X e não na Y, pois o motorista da empresa X não aceita a forma (estrutura) da passagem da empresa Y, apesar do propósito comunicativo da passagem ser o mesmo:

embarcar e viajar, porém a forma não. Neste caso, temos a FORMA sobressaindo-se sobre o PROPÓSITO COMUNICATIVO, pois é a forma que definirá a ação a ser realizada socialmente através do gênero.

Agora um novo exemplo: quando encontramos uma receita com dicas de beleza dadas por loja de peças íntimas, e esta “receita de beleza” traz além do endereço da loja, telefone, e-mail e a logomarca da empresa, temos, também, aqui uma forma (estrutura) e um propósito (função), neste caso identificamos, a forma receita, mas o propósito é outro, não é de produzir um bolo, ou uma carne assada, mas sim de fazer a publicidade da loja. Então, neste caso, chamaremos o gênero de propaganda e não de receita, justamente porque o propósito é que nos definiu o gênero. Temos, agora, o PROPÓSITO sobressaindo-se sobre a FORMA.

Marcuschi (2005) deixa claro a sua opção pelo propósito, afirmando que este é o definidor do gênero, independentemente da forma que dado gênero venha a ter. Porém, voltemos aos nossos exemplos: apesar de definirmos que no caso da passagem o propósito fica em segundo plano, pois os sujeitos realizarão suas ações a partir da forma, ele aparece, pois faz parte do gênero, a passagem só existe porque alguém precisa viajar, logo ela (passagem) tem a função (propósito) de autorizar o passageiro a embarcar no ônibus. O mesmo acontece com a propaganda, a forma também aparece, porém não com a função da forma que ali está (bula), mas com uma outra função percebida a partir da leitura mais apurada do gênero. Chegamos, assim, em mais uma conclusão, tanto o propósito comunicativo, quanto a forma são importantes e os dois trabalham unidos, sendo ambos definidores/caracterizadores dos gêneros.

Não podemos esquecer que cabe ao propósito comunicativo a tarefa de organizar as ações que são feitas com os gêneros dentro das comunidades discursivas, ou seja, é o determinante das atividades a serem cumpridas com os gêneros.

Sobre isso Swales (1990, p. 10)<sup>2</sup> aponta que é o propósito que organiza as ações que são feitas com gêneros dentro das comunidades:

---

<sup>2</sup> Swales (1990, p. 10): It is communicative purpose that drives the language activities of the discourse community; it is communicative purpose that is prototypical criterion for genre identity, and it is communicative purpose that operates as the primary determinant of task.

É o propósito comunicativo que conduz as atividades lingüísticas da comunidade discursiva; é o propósito comunicativo que serve de critério prototípico para a identidade do gênero e é o propósito comunicativo que opera como determinante primário da tarefa. (tradução nossa).

Vemos, então, que o propósito serve como um condutor das atividades sociais realizadas através dos gêneros, por isso Marcuschi (2005) pende sua pesquisa e sua preferência para este elemento, porém, sabemos que ele não serve como único definidor do gênero, devemos levar em consideração tanto a forma como o propósito, pois ora identificamos determinado gênero por sua forma, ora por sua função.

### 3 Hibridismo ou intergênero? Uma análise da relação entre gêneros

Escolhemos como *corpus* analítico uma propaganda que integra-se aos gêneros híbridos, pois mantém a forma de uma história em quadrinhos (doravante HQ), porém com o propósito de uma propaganda, retirado da revista Mundo Estranho, junho de 2007, além da relação com a HQ, aparecem outros gêneros dentro deste gênero, assim, temos, também, uma relação entre os gêneros primários e secundários.

Começamos por algumas discussões acerca das relações entre hibridismo e intergênero, levando em consideração a citação de Bakhtin (1992, p. 262) que além de fazer uma definição dos gêneros faz uma importante afirmação com relação à instabilidade dos gêneros:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. (...) Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

Bakhtin ao destacar os gêneros como formas relativamente estáveis, mostra que há uma incerteza enquanto a estabilidade formal dos gêneros, pois estes não serão sempre os mesmos, sofrerão modificações, tanto estruturais como funcionais. Essa relação de instabilidade mais tarde ficou conhecida como hibridismo, principalmente pelos trabalhos de Marcuschi (2002 e 2006).

Sobre hibridismo Marcuschi (2006, p. 29) diz que: “a hibridização é a confluência de dois gêneros e este é o fato mais corriqueiro do dia-a-dia em que passamos de um gênero

a outro ou até mesmo inserimos um no outro seja na fala ou na escrita”. O hibridismo ocorre dentro e fora das mais variadas comunidades discursivas, pois serve como um medidor da evolução genérica. Ainda sobre essa hibridização Kress (2003) comenta que caminhamos para uma mesclagem sem fim dos gêneros, pois estamos a todo o momento criando formas híbridas, assim, chegaremos ao ponto de não mais termos formas puras, mas isso não passa de uma evolução normal dos gêneros, que obedecem as evoluções sociais.

Koch e Elias (2006, p. 114) afirmam que: “a hibridização ou a intertextualidade intergêneros é o fenômeno segundo o qual um gênero pode assumir a forma de um outro gênero, tendo em vista o propósito de comunicação”. Sobre esta citação temos alguns questionamentos a fazer: (i) sabemos que todos os textos se dão em forma de gêneros, bem como a intertextualidade é a relação que um texto estabelece com outro texto, esta relação se dá a partir das retomadas internas dos textos, ou seja, somente há intertextualidade entre o que está escrito; (ii) sendo o hibridismo a transformação de um gênero em outro, como podemos chamar esta relação de intergenérica, já que não é uma retomada interna, mas uma nova caracterização do gênero, fazendo, além de uma retomada interna, uma externa-estrutural, por exemplo, uma receita quando se transforma numa propaganda não é mais uma receita, mas sim uma propaganda, assim teríamos a estrutura (forma) de uma receita, mas o propósito de uma propaganda, neste caso o que seria intertextual? A forma? Se levarmos em consideração a forma enquanto elemento intertextual, teríamos muitas paredes intertextuais.

Koch e Elias (2006, p. 86) definem intertextualidade desta forma:

[...] a intertextualidade é o elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de reconhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos.

As próprias autoras definem, na mesma obra, intertextualidade diferentemente de hibridismo, pois este se refere aos gêneros (forma e propósito) e aquele se refere aos elementos internos do texto, logo o termo intertextualidade intergêneros não passaria de uma redundância, ou uma pequena confusão, pois se todo texto se dá em forma de gêneros, conforme aponta Marcuschi (2006), teríamos a seguinte “fórmula”: **TEXTO = GÊNERO**,

logo poderá haver intertextualidade entre os textos (escritos e orais) na sua relação interna, ou seja, somente através do que está escrito e não entre a forma, já que não existe intertextualidade ente formas. O hibridismo, ao oposto, refere-se, justamente, a forma, bem como ao propósito, trabalhando interdialogicamente com vários gêneros.

Em resumo, a relação entre um gênero e outro é chamado de intertextualidade, e não intergênero, pois uma música que retoma uma poesia realiza uma relação interna (escrita) e não uma relação estrutural, logo é intertextualidade, e se um poema tiver a função de uma propaganda apresentará uma relação híbrida, pois temos a forma de um poema e o propósito de uma propaganda, e não uma intertextualidade (embora possa haver intertextualidade entre o que está escrito, os elementos internos).

Através de uma breve análise, mostraremos como propósito e forma agem de modo a definir o gênero.

Definimos nosso corpus de análise como uma propaganda a partir de alguns pontos analisados que envolvem o propósito comunicativo e a forma. Ao observarmos esse gênero somente no viés da forma teremos uma HQ, e não uma propaganda, mas ao observarmos pelo viés do propósito teremos uma propaganda e não uma HQ. Temos, aqui, um gênero híbrido, pois é uma propaganda em forma de HQ, ou seja, um gênero com a forma de outro.

Levando em consideração a forma, percebemos em todos os quadrinhos a estrutura típica de uma HQ, principalmente com a presença de onomatopéias: “SHHH”, “PUF”; linguagem simples e não-padrão destinada a um público específico, leitores assíduos do suporte revista (Mundo Estranho), neste caso aos jovens: “Caraca! Tropecei em um bule!”, “Não mané (...)”, “Ar-condicionado bombadão”, desta forma, a variação de linguagem marca a comunidade discursiva a qual é destinado este suporte e este gênero.

Chegamos a definição do gênero a partir do propósito comunicativo, que neste caso é o definidor do gênero (não esquecendo que não podemos dicotomizar propósito e forma). O propósito vem marcado através da presença da logomarca no título: “Zoeiras PEPSI TWIST apresenta”, assim como a presença de uma lata de Pepsi nos quadrinhos: 1, 8, 9 e 13. Ainda, no último quadrinho, os personagens típicos de HQ, dois limões, comentam que a Pepsi Twist é o melhor refrigerante do mundo.

Através das características presentes nesse gênero híbrido também podemos classificá-lo como um gênero multimodal, por apresentar imagens, palavras, cores, estilos gráficos diferenciados, etc., que chamam a atenção do leitor, deixando-o mais interessante.

Com relação a isso Dionísio (2006, p. 133) afirma que:

Se as ações sociais são fenômenos multimodais, conseqüentemente, os gêneros textuais falados ou escritos são também multimodais porque, quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações etc.

Além da presença da multimodalidade encontramos a presença de outros gêneros dentro desse gênero, no quadrinho 10 temos a presença de um guia de *gourmets* e no quadrinho 12 a presença de uma lista. Conforme a teoria de Bakhtin (1992) temos a relação entre o gênero secundário (a propaganda em si, mais complexa) e os gêneros primários (o guia de gourmet e a lista, menos complexos).

Temos, também, a presença da intertextualidade, pois o gênero faz menção a uma história muito conhecida: “Aladim e a Lâmpada Mágica”, percebemos que não é a forma que faz a relação intertextual, mas a história (escrita ou contada, estrutura interna) que realiza essa relação, mesmo assim, surge como um aspecto secundário, já que a intenção do gênero não é recriar a história de Aladim, mas de fazer uma propaganda utilizando como pano de fundo uma HQ que retoma a história de Aladim.

Temos, desta forma, a presença do hibridismo e da intertextualidade, ambos separados, realizando cada um sua função, o hibridismo criou outro gênero e a intertextualidade serviu de base, como pano de fundo, retomando uma história conhecida do público leitor. Chegamos, assim, a uma conclusão: hibridismo e intertextualidade são totalmente diferentes, embora possam aparecer juntos na definição/criação de um gênero.

#### **4 Considerações finais**

A intenção principal deste trabalho não está centrada na construção de novas teorias, mas sim na discussão das teorias já existentes levando em consideração as inúmeras relações, e usos, que podemos fazer com elas (e delas). Por isso, discutimos a criação do

termo intergênero, levando em consideração alguns pontos importantes da teoria de Marcuschi (2002, 2005 e 2006) a qual caracteriza todo, e qualquer, gênero a partir de uma forma e de um propósito, assim como da presença de uma relação híbrida, e não intergenérica.

Assim, centramos nosso pensamento em torno da definição/caracterização de um gênero a partir de sua forma (estrutura), que, na maioria das vezes, leva ao leitor/sujeito reconhecer os gêneros, e do propósito comunicativo (função) que está internalizado em cada sujeito, levando-o a reconhecer dado gênero por causa de sua função. Chegamos à conclusão de que forma e propósito são os irmãos siameses dos gêneros, pois são indissolúveis, servindo como formas de reconhecimento/caracterização dos gêneros.

## Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

DIONISIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexão e ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

HEMAIS, B.; BIASE-RODRIGUES, B. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos dos textos**. São Paulo: Contexto, 2006.

KRESS, G. **Literacy in the new media age**. London: Routledge, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexão e ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

\_\_\_\_\_. **Os desafios da identificação do gênero textual nas atividades de ensino: propósitos comunicativos versus forma estrutural**. III SIGET. Santa Maria – RS, 2005.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: constituição e práticas sociais. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MILLER, C. Genre as social action. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. **Genre and new rhetoric**. London: Taylor & Francis, [1984]1994.

SWALES, J. M. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cup, 1990.



Imagem retirada da Revista Mundo Estranho, junho de 2007.